



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Mauad Ferreira, Luiza Cristina; Gurgel Azzi, Roberta

Burnout do professor e crenças de autoeficácia

EccoS Revista Científica, núm. 26, julio-diciembre, 2011, pp. 179-191

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71522347011>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

BURNOUT DO PROFESSOR E CRENÇAS DE AUTOEFCÁCIA

TEACHER'S BURNOUT AND SELF-EFFICACY BELIEVES

Luiza Cristina Mauad Ferreira

Doutoranda em Educação – UNICAMP

Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento – PUCSP

Professora da Faculdade de Educação – Graduação e Pós-Graduação – UNIVERSITAS_FEPI

FEPI (MG)

luizacmauad@hotmail.com

Roberta Gurgel Azzi

Doutora em Educação – UNICAMP; Mestre em Psicologia – PUCSP;

Professora da Faculdade de Educação – Graduação e Pós – Universidade de Campinas

UNICAMP (SP)

betazzi@uol.com.br

A
R
T
I
G
O
S

RESUMO: No presente ensaio objetivamos refletir sobre pesquisas recentes realizadas sobre *burnout* em docentes à luz da Teoria Social Cognitiva, de Bandura que, ao contemplar as capacidades autoavaliativas e autorregulatórias dos indivíduos, possibilita olhar um nexo relacional entre atividades laborais e o adoecimento. A revisão dos artigos contemplados suscita a necessidade de busca de possibilidades teórico-empíricas entre as atividades laborais e as crenças que os indivíduos têm sobre elas. A Teoria Social Cognitiva sinaliza uma proposta explicativo-interventiva e vem sendo sistematicamente investigada no programa de doutorado desenvolvido na Unicamp por Ferreira, sob a orientação da professora doutora Roberta Azzi.

PALAVRAS-CHAVE: *Burnout* em professores. Síndrome de *burnout*. Teoria social cognitiva.

ABSTRACT: The purpose of the present article is to encourage reflection on the latest researches about burnout process in teachers, under Bandura's Social Cognitive Theory that, considering the individual's self-regulatory and self-evaluative capabilities, makes it possible to draw an interrelation between labor activities and the process of becoming ill. The reviews of the referred articles bring about the necessity of searching for theoretical-empirical possibilities between labor activities and the individual believes about them. The Social-cognitive theory points at an explanatory-interventive proposal and it has been systematically investigated during the doctors program developed at UNICAMP by Ferreira, under the supervision of Professor Dr. Roberta Azzi.

KEY WORDS: Burnout Syndrome. Social-Cognitive Theory. Teacher's Burnout.

1 Introdução

O crescente interesse pela Síndrome de *burnout* em diferentes ambientes laborais tem suscitado cada vez mais investigações sobre a incidência ou não desse sofrimento mental, quais os níveis identificados, inclusive na categoria profissional dos professores. Frente a essa questão, no ensaio aqui apresentado temos como objetivo refletir sobre pesquisas recentes realizadas sobre o *burnout* em docentes, à luz da Teoria Social Cognitiva de Bandura (1986, 1997), que contempla as capacidades autoavaliativas e autorregulatórias dos indivíduos, possibilitando buscar perspectivas teórico-empíricas entre as seguintes variáveis: as atividades laborais e as crenças que o trabalhador desenvolve sobre elas.

O trabalho – haja vista sua permanência na vida do ser humano muitas vezes em mais de um terço das horas de seu dia – é constituído por características objetivas, inerentes à atividade laboral executada; e subjetivas, próprias do indivíduo que as executa. Para Carlotto (2002), o ser humano executa tarefas diárias de sobrevivência encontrando nelas tanto satisfação laboral quanto cansaço físico, emocional e cognitivo oriundos também das mesmas tarefas executadas. As atividades laborais podem ser causa de insatisfação, desinteresse e dependência profissional, sendo apontadas como fontes de irritação, agressão e exaustão e de não-identificação do sujeito que as realiza como trabalho. Visto sob essa perspectiva, o trabalho é tanto fonte de prazer quanto de desprazer, ou ainda de doença. (DEJOURS, 1992).

As doenças ocupacionais, definidas como aquelas decorrentes do tipo de trabalho executado e do ambiente onde é executado, têm sido foco de estudos de várias áreas relacionadas à saúde do trabalhador, além da Medicina do Trabalho. Em especial, a Psicologia vem se ocupando da questão da saúde mental no trabalho e o profissional psicólogo, em sua formação, vem sendo preparado para investigar e intervir nessas questões.

No Brasil, segundo estatísticas do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) referentes apenas aos trabalhadores com registro formal, os transtornos mentais ocupam a terceira posição entre as causas de concessão de benefícios previdenciários como auxílio doença, afastamento do trabalho por mais de 15 dias e aposentadorias por invalidez. (MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2001).

O aspecto formal de execução de tarefas que compõem as atividades laborais e também as relações sociais estabelecidas nesse cotidiano são expressões ativas de constituição do trabalhador como sujeito, decorrendo dessa relação sua realização pessoal, projetos de futuro e expectativas de sucesso. Essa relação é tão contundente que Codo (1988), ao afirmar a necessidade de debater os efeitos psíquicos de agentes patogênicos no adoecer do profissional, propôs que as doenças mentais fossem consideradas doenças profissionais, uma vez que o nexo entre elas e o trabalho já havia sido amplamente documentado, sendo, inclusive, passíveis de ser enquadradas na Lei 6.367, de 1976, que dispõe sobre acidentes de trabalho.

Estudos feitos pela Secretaria de Gestão Pública do Estado de São Paulo, em 2006, apontavam a prevalência de algumas doenças em docentes que repercutiram na concessão de 139 mil licenças no ano, em um universo de 285 mil professores e funcionários, com 4,5 milhões de dias de trabalho perdidos. Nesse levantamento, aparecem como principais causas para a concessão das licenças os transtornos mentais (32,2%), as doenças do sistema osteomuscular (17,6%) e as do aparelho respiratório (7,4%). Um estudo anterior, de 2003, encomendado pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), mostrou, também, a prevalência das mesmas doenças, com pequenas mudanças na classificação: estresse (21,8%), problemas de voz (17,6%), tendinite (16,1%), bursite (8,7%), depressão (7,2%).

O reconhecimento dos efeitos psíquicos como doenças profissionais já é contemplado pelas leis brasileiras no Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1996, sobre a regulamentação da Previdência Social. Seu Anexo II, aponta como um dos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais a sensação de estar acabado – Síndrome de *burnout* –, Síndrome de esgotamento profissional, conforme previsto no artigo 20, da Lei nº 8.213/91.

Benevides (2008) apresenta elementos que permitem conhecer os marcos definidores da investigação sobre o trabalhador e suas condições de trabalho, a partir da década 70 do século passado. Esses marcos descreveram um conjunto de sintomas relacionados às atividades desenvolvidas pelo trabalhador, em especial os trabalhadores que desempenhavam tarefas de cuidado ou com uma relação próxima de pessoas. A busca por evidências empíricas da relação entre as manifestações de esgotamento físico, não realização pessoal nas atividades desenvolvidas e distanciamento

do outro, dependente do trabalho a ser realizado, acentuou-se inicialmente nas áreas profissionais da saúde. Cabe a Fraudenberg (1974) apresentar a relação explícita entre atividade laboral e problemas decorrentes dela, apesar de, como relatado por Benevides (2008), a adoção desse vocábulo já ter ocorrido em 1969 por Brandley, ao descrever o que denominou de *staff-burnout*. Maslach e Jackson, em trabalho de 1981, são as responsáveis pela difusão do conceito que acabou despertando o interesse por essa síndrome laboral internacionalmente. A Síndrome de *burnout* tem sido caracterizada, nos estudos já citados, como resposta afetiva a uma contínua e prolongada exposição a fatores estressantes do trabalho que geram exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos. São relatados, ainda, fadiga física e cansaço cognitivo, resultado de exposição prolongada a estresse relacionado com o trabalho em uma relação próxima com pessoas. Está diretamente ligada a fatores estressantes do trabalho, não sendo possível ser confundida com transtornos mentais tais como depressão e ansiedade. (BENEVIDES-PEREIRA, 2008).

Diferentes expressões vêm sendo utilizadas para designar o conjunto de sintomas característicos da síndrome. Entretanto, como ressaltado pela autora, a utilização de tais expressões apenas aumentam a dificuldade de se encontrar um termo que seja inequívoco e expresse efetivamente o significado desejado. Vale ressaltar, todavia, que todas as designações referem-se a atividades de caráter assistencial/cuidador e de proximidade com outros seres humanos. A autora afirma, ainda, a partir da análise de estudos até então realizados, a presença de estabilidade dos sintomas relatados, que assim apontam para a cronificação de estados físico, emocional e cognitivo mais fortemente relacionados à execução específica das tarefas exigidas do trabalho relacional, em que as interações pessoais são a base das atividades. Elimina-se, assim a atribuição a fatores de personalidade como neuroticismo e a outros marcadores, como por exemplo, a idade.

As pesquisas de medidas específicas realizada por Calton et al. (1988) consideraram que “estresse” e *burnout* são dois construtos realmente distintos, pois no *burnout* os sentimentos são sempre negativos. Já o estresse é caracterizado por níveis que são considerados positivos como as fases de alarme e de enfrentamento (resistência), pois aumentam a motivação em busca de solução do problema, só se tornando prejudiciais quando

não existe a resolução da situação estressora. Aí sim, falamos de exaustão ou estresse.

2 Estudos sobre a Síndrome de *burnout*

Pesquisas realizadas tendo como foco o *burnout* vêm aumentando em quantidade e diversidade de ambientes de investigação, tais como no esporte e em relações familiares e também de profissionais como policiais municipais e atendentes de cabine de avião. Diferentes instrumentos de medida, tendo o adoecimento do trabalhador, como foco, têm sido utilizados a partir da escala Maslach Burnout Inventory (MBI) elaborada por Maslach e Jackson (1974). Dominich (2002) relatou uma pesquisa recente do *International Stress Management* (ISMAS), que identificou o Brasil, entre Estados Unidos, Alemanha, França, Israel, Japão, China, Hong Kong e Fiji, como o segundo colocado em número de trabalhadores acometidos pela Síndrome de *burnout*, ficando atrás apenas do Japão. Essa manifestação vem se configurando pela presença de três fatores: a) exaustão ou total esgotamento da energia física e mental; b) despersonalização ou estabelecimento de relações interpessoais totalmente desprovidas de afeto, ou objetificação das relações e c) redução da realização pessoal e profissional, ou a não satisfação pessoal na realização das tarefas laborais, com uma consequente autoavaliação negativa de suas habilidades e competências para execução dessas tarefas, o que acarreta sério comprometimento profissional.

Codo (1999), na mais extensa pesquisa de que se tem notícia sobre as relações de trabalho de uma categoria profissional no Brasil, com duração de dois anos e 52.000 professores de 1.440 escolas localizadas nos 27 estados da federação, verifica que o *burnout* instala-se em decorrência do sofrimento psíquico gerado pela dedicação a uma atividade para a qual não existe uma remuneração adequada, mas sim a desvalorização profissional, a baixa autoestima e a não percepção pelo trabalhador dos resultados do trabalho que desenvolve. Considerando as características atuais da função de professor que se apresenta como uma das profissões que estaria sujeita à manifestação da Síndrome, uma vez que a dimensão social/relacional para a execução da tarefa laboral é uma constante. A proximidade e os com-

ARTIGOS

portamentos de cuidado são emergentes no tocante à interação professor-aluno, assim como o volume de trabalho exaustivo (classes numerosas, pouca valorização profissional, baixa remuneração, condições ambientais adversas, violência). Da mesma forma, o estabelecimento de metas em relação aos resultados obtidos pelos alunos faz parte do planejamento das atividades docentes e a não realização delas seria um fator a mais a ser acrescentado na vulnerabilidade desse profissional ao *burnout*.

Moreno-Jimenes et al. (2002) destacam a vulnerabilidade do professor às condições de instalação do processo de *burnout*, mediante a inadequação da organização acadêmica e o desequilíbrio entre as expectativas de realização profissional e resultados conseguidos. Para Reinhold (2004), nessa situação o profissional da educação lança mão de estratégias de enfrentamento desadaptadas, acarretando esgotamento emocional, pessoal e profissional, agravando a sensação de inadequação ao posto de trabalho, atitudes negativas e de distanciamento para com os alunos.

As reformas educacionais e a implantação de diretrizes, também no âmbito educativo, exigem do profissional de educação persistência e inovação, além de alto envolvimento cognitivo com as tarefas pertinentes. Em março de 2007, Carlotto e Camara (2008), revendo publicações nas bases de dados eletrônicas BVS, IndexPsi e Pepsic verificaram que a maioria dos artigos refere-se a investigações com profissionais de saúde, sendo seguido por investigações com professores. Leite e Souza (2008) também em trabalho de revisão de 50 dissertações de mestrado, 10 teses de doutoramento e 4 livros publicados entre 1999 e 2006 versando sobre condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil, apresentam o “estado da arte” desse tema e concluem que, das 65 obras consultadas, 19 versam sobre a Síndrome de *burnout* em professores, reafirmando a importância de maiores estudos nessa direção.

Gasparini (2005) e Fonseca (2001) verificaram significantes porcentagens de afastamento por licença de saúde no segmento de professores, sendo que esses afastamentos acentuam-se ao final dos trimestres e diminuem após feriados e férias de verão, sugerindo uma relação estreita entre tempo de trabalho e adoecimento do professor. Uma constatação feita por Soratto e Pinto (2003) coloca o adoecer do professor com o desenvolvimento da Síndrome de *burnout* em uma situação ainda mais alarmante ao

afirmar que, apesar de não mais suportar o que faz, o professor continua na ativa, desempenhando suas atividades rotineiras, buscando estratégias de enfrentamento e colocando em risco sua saúde.

Esteve (1999) apresenta a síndrome associada à deteriorização do desempenho no trabalho, afetando as relações familiares e sociais. Para ele, os principais efeitos em professores são: sentimentos de desconcerto e insatisfação frente aos problemas reais da prática de ensinar; desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que realiza; pedidos de transferências como forma de fugir de situações conflituosas; desejo de abandonar a docência (realizado ou não); absenteísmo do trabalho como mecanismo para cortar a tensão acumulada; esgotamento, cansaço físico permanente; ansiedade de espera; estresse; depreciação de si mesmo, culpa ante a incapacidade para qualificar o ensino; ansiedade como estado permanente, associada com causa e efeito a diversos diagnósticos de enfermidade mental; depressão. Leite (2007), da Universidade de Brasília (UnB), coletou dados com mais de oito mil professores da educação básica da rede pública na região Centro-Oeste do Brasil, em 2003. Quando analisados em 2007, os dados indicaram que 15,7% dos entrevistados apresentam a Síndrome de *burnout*, sinalizando que, possivelmente, mais de 300 mil professores somente no Ensino Básico apresentam níveis da síndrome. Dos professores pesquisados, 29,8% apresentaram exaustão emocional em nível considerado crítico. Quanto à baixa realização profissional, a incidência foi de 31,2% e 14% evidenciaram altos níveis de despersonalização.

No Brasil, a síndrome vem sendo identificada em professores de todos os níveis de ensino, tanto público quanto particular. Essa constatação remete-nos à busca de respostas explicativas e interventivas o mais rapidamente possível. Os profissionais de educação do país merecem respeito e condições de trabalho saudáveis.

Alguns estudos têm sido feitos na direção de se buscar relações entre a Síndrome de *burnout* e variáveis psicológicas, sociais e culturais. Sendo uma síndrome que se manifesta essencialmente nas condições relacionais do trabalho do sujeito, parece importante intensificar a busca tanto de variáveis preditoras da manifestação quanto de variáveis que influenciam a avaliação que o trabalhador faz de suas atividades, dos fatores ambientais e de seu próprio comportamento.

3 Crenças de autoeficácia

A Teoria Social Cognitiva, de Albert Bandura (1986 1977), ao apontar que a constituição do sujeito (professor) ocorre na interação entre o ambiente no qual está inserido, as cognições pessoais que tem e sua ação nesse ambiente, sinaliza a possibilidade de uma proposta explicativa consistente para a adoecimento com desenvolvimento da Síndrome de *burnout*.

Apresentando como um dos pilares centrais o conceito de autoeficácia, que seria a crença dos indivíduos sobre sua capacidade de desempenhar atividades que os levem em direção a metas e objetivos selecionados, Bandura mostra que são possíveis intervenções efetivas. Para as mudanças que se façam necessárias. De acordo com a teoria, as crenças de autoeficácia relacionam-se com o fazer, como fazer, por quanto tempo será feito e quanto esforço será empreendido para tal realização, proporcionando as bases para a motivação humana, o bem-estar e as realizações pessoais, estando, dessa maneira, diretamente ligadas ao funcionamento humano.

Para Bandura (1997), a constituição de tais crenças ocorre principalmente pela avaliação dos resultados da ação direta do indivíduo em experiências de domínio e também por meio das experiências vicárias, da persuasão social e dos estados afetivos e fisiológicos.

Bandura (1997) ainda destaca o quanto a autoeficácia percebida para atingir a demanda ocupacional afeta os níveis de estresse e a saúde física do trabalhador e o quanto alguns ambientes organizacionais contribuem para o senso de eficácia desse trabalhador. Sem dúvida alguma, tanto as condições do ambiente quanto as ações empregadas para atender a demanda, as condições fisiológicas do trabalhador e as crenças de autoeficácia interatuam e possibilitam ou não a resolução da condição estressora.

Os indivíduos com alta autoeficácia percebida escolhem resolver o problema empregando estratégias que melhoram seu trabalho e, ao contrário, aqueles com baixa autoeficácia ocupacional percebida, que acreditam que pouco podem fazer para alterar a situação em que se encontram, apresentam estratégias disfuncionais para aliviar a tensão.

As crenças de autoeficácia influenciam muitos aspectos da vida das pessoas independentemente de pensarem de forma positiva (produtiva e otimista) ou de forma negativa (pessimista e debilitante). São constituídas, ao longo da vida do indivíduo, pela interatuação das dimensões cogniti-

vo-afetiva, comportamentais e ambientais. “Evidências empíricas têm demonstrado o quanto as crenças do professor em sua eficácia instrucional parcialmente determinam o quanto os professores estruturam as atividades acadêmicas em suas classes e avaliam os estudantes em suas capacidades intelectuais.” (BANDURA, 1997, p. 240). Bermejo-Toro (2007) analisando a relação entre estresse de papel e *burnout* e algumas variáveis cognitivas, como as crenças de autoeficácia em professores do Ensino Médio na Espanha, encontrou correlação negativa entre elas, especialmente com a falta de realização profissional. Albert (2007) investigou a relação entre a autoeficácia e o modelo de ensino autônomo no *burnout* de professores e encontrou correlações negativas e significativas entre a dimensão de exaustão física e emocional e autoeficácia docente.

Investigando ainda a relação entre a autoeficácia percebida de receber suporte da direção e de outros professores no trabalho, e níveis de *burnout*, o autor encontrou forte correlação negativa entre as variáveis; ou seja, quanto maior a percepção de existência de suporte por parte da diretoria e professores, menores os níveis de *burnout*. No mesmo estudo, constatou o quanto a autoeficácia percebida para resolver as relações desafiadoras e estressadas entre professores e alunos é um preditor de *burnout* nesse professor.

Entre as investigações dos construtos de autoeficácia e *burnout* no Brasil, podemos citar Bellico da Costa (2003) que, discorrendo sobre a Teoria Social Cognitiva de Bandura e o conceito de autoeficácia, apresenta pesquisa piloto, realizada com 35 professores, utilizando o inventário de Jerbeck e Bellico da Costa, de 1999. Os resultados apresentaram a incidência de níveis de *burnout* nesses professores e dados correlacionais negativos entre a presença de *burnout* e alta autoeficácia percebida. Tais achados, apesar de advirem de estudo piloto, apontam na direção de se ampliarem essas investigações, pois a relação entre autoeficácia percebida e o desenvolvimento ou não da síndrome são perceptíveis.

As condições do trabalho docente vêm, a cada dia, sendo confirmadas pelos dados então divulgados como precárias e facilitadoras para o desenvolvimento de doenças ocupacionais, em especial o *burnout*, contribuindo para o abandono da profissão nos anos iniciais de carreira e para a não escolha da função como atividade profissional. Bandura (1977) enfatiza a importância da autoeficácia percebida para a manutenção e engaja-

mento em programas protetores da saúde, da mesma forma para melhorar a *performance* e realizações pessoais e laborais.

A figura do professor é central para que mudanças sejam passíveis na questão da saúde desse profissional. A leitura psicológica do conceito de autoeficácia na Teoria Social Cognitiva de Bandura (1997) apresenta possibilidades de desenvolver, nesse profissional, uma percepção pessoal de ser capaz de lidar com as situações adversas pessoais e ambientais e a possibilidade do desenvolvimento de estratégias de enfrentamento que o permitirão continuar sua trajetória, contribuindo para que não se agrave ainda mais a escassez de professores, principalmente no ensino médio. No contexto atual do ensino, condições adversas do exercício laboral vêm sendo consistentemente relacionadas à incidência de adoecimento do professor com destaque para a Síndrome de *burnout*. Urge buscar possibilidades de se desenvolver estratégias pessoais de enfrentamento que permitam o não adoecimento e também fortaleçam as capacidades avaliativo-críticas desses professores. Bandura (2008) refere-se a um extenso programa de investigações em que foram verificadas novas visões sobre o papel da autoeficácia percebida em diferentes campos, como na educação, na promoção da saúde e prevenção de doenças, demonstrando que tais crenças podem ser criadas e fortalecidas gerando mudanças pessoais e sociais. Ainda, Bandura (2008) enfatiza a continuidade das investigações por meio da realização de estudos relacionais que permitam maior generalidade de resultados. Desta forma, as crenças de autoeficácia docente constituem foco de estudo de Azzi e Ferreira em programa de doutoramento na Unicamp (SP), buscando a correlação existente entre essas e os níveis de *burnout* de professores do Ensino Médio.

Referências

- ALBERT, R. L. *The Impact of Self-Efficacy and Autonomous Learning on Teacher Burnout*. (Requirements of the doctor degree in Education) – Regent University, Pro Quest Information. The United States, 2007.
- AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J.; BZUNECK, J. A. Considerações sobre a autoeficácia docente. *Auto-eficácia em diferentes contextos*. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. Campinas: Alínea. 2006 c. 7. p. 149-159.

BANDURA, A. Evolução da Teoria Social Cognitiva. AZZI, R. G; BANDURA, A.; POLYDORO, S. *Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BANDURA, A. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

BANDURA, A. *Social foundations of thought and action: a Social Cognitive Theory*. New Jersey: Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, 1986.

BARROS, R. *Há saídas para o problema revista educação*. n. 140. Disponível em: <http://www.unucseh.ueg.br/noticias/noticias2009/jan_2009/noticia07-019saudedoprofessor.htm>. Acesso em: 30 de Junho de 2009.

BELLICO A. E. da C. Auto-eficácia e *burnout*. *Revista Eletrônica InterAção Psy*. Ano 1, n. 1, p. 34-67, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.dpi.uem.br/Interacao/Numero%201/PDF/Artigos/Sumario.pdf>> Acesso em: 25 de junho de 2006.

BENEVIDES, P. *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BERMEJO-TORO L. Variables cognitivas mediadoras en el malestar docente. Cognitive mediators in educational uneasiness. *Mapre*, Universidad Pontificia Comillas: Madrid, v. 18 n. 1, jan./mar. 2007.

BRASIL. LEI Nº 6.367 – DE 19 DE OUTUBRO DE 1976 – DOU DE 21/10/76 – Lei de Acidentes do Trabalho. Dispõe sobre o seguro de acidentes do trabalho a cargo do INPS, e dá outras providências.

BRASIL. LEI Nº 8.213 – DE 24 DE JULHO DE 1991 – DOU DE 14/08/1991 (Atualizada até maio 2009). Artigo 20 dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.

BRASIL. DECRETO Nº 3.048, DE 06 DE MAIO 1999. Do Instituto Nacional de Seguro Social. Aprova o Regulamento da Previdência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União, 7 maio 1999. Republicado em 12 maio 1999. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3048.htm>>. Acesso em: 19 maio 2009.

BRASIL. MPS-Ministério da Previdência e Assistência Social. Anuário Estatístico da Previdência Social. Brasília: MPS/DATAPREV, 2001.

BRESSO, E.; SALANOVA, M.; SCHAUFELLI, W.; NOGAREDA, C. 2007. *NTP 732: Síndrome de estar quemado por el trabajo “Burnout” (III): Instrumento de medición*. Disponível em: <http://iaprl.asturias.es/opencms/es/instituto/riesgos_laborales/ergonomia/ergo03/ergo03.html> Acesso em: 12 maio 2009.

CARLLOTTO, M. S. A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, v. 7, p. 21-29, 2002.

A
R
T
I
G
O
S

CARLOTTO, M.; PALAZZO, L. S. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026, maio 2006.

CARLOTTO, M. S.; CAMARA, S. G. Análise fatorial do Maslach Burnout inventory (mbi) em uma amostra de professores de instituições particulares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 499-505, set./dez. 2004.

CODO, W. *Educação, carinho e trabalho: Burnout a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Saúde mental e trabalho: uma urgência prática*. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília, 1988. p. 20-24.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. Trad. PARAGUAY, A. I.; FERREIRA, L. L. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DOMENICH, M. Síndrome de *burnout*. *Folha de São Paulo*. Caderno Empregos, São Paulo, 30 de junho de 2002. p. 1.

ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC, 1999.

FONSECA, C. C. de O. P. da. *O adoecer psíquico no trabalho do professor de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública no Estado de Minas Gerais*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FREUDENBERG, H. J. Staff Burn-Out. *Journal of Social Issues*, n. 30, p. 159-165, 1974.

GARCÉS DE LOS FAYOS, E. J.; VIVES, L. Variables motivacionales y emocionales implicadas en el síndrome de Burnout en el contexto deportivo. *Revista Electrónica de Motivación y Emoción*. Castellón, v. 5, n. 11-12, 2002. Disponível em: <URL:<http://reme.uji.es>>. Acesso em: 12 maio 2009.

GASPARINI, S. M. *Transtornos mentais em professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte*. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

HEUVEN, E.; BAKKER, A. B.; SCHAUFELE, W.; HUISMAN, N. The role of self-efficacy in performing emotion work. *Journal of Vocational Behavior*, n. 69, p. 222-235, 2006.

JERABEK, L., BELLICO DA COSTA, A. E. *Inventário de risco*. 2001. (manuscrito não publicado).

LABONE, E. Teacher efficacy: maturing the construct through research in alternative paradigms. In: *Teaching and Teacher Education* 20, Australian Catholic University, Locked Bag 2002, Australia, Strathfield, NSW 2135, 2004. p. 341-359.

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

LEITE, M. P.; SOUZA, A. N. (coord.) Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Resenhas*. Departamento de Ciências Sociais na Educação. Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2006.

LEITE, N. M. B. *Síndrome de burnout e relações sociais no trabalho: um estudo com professores da educação básica*. Dissertação. (Mestrado)- Instituto de Psicologia da UNB, Brasília, 2007.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced Burnout. *Journal of Occupational Behaviour*, n. 2, 1981. p. 99-113.

MELAMED, S.; SHIRON , A., TOKER BERLINER, S. SHAPIRA, I. Burnout and Risk of Cardiovascular Disease: evidence, possible causal paths, and promising research directions. v. 132, n. 3, Psychological Bulletin, 2006 by the American Psychological Association.

MORENO-JIMÉNEZ, B.; GARROSA-HERNÁNDEZ, E.; GÁVEZ, M.; GONZÁLEZ, J.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. A avaliação do Burnout em professores: comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. *Psicologia em Estudo*, n. 7, 2002. p. 11-19.

PAJARES, F.; OLAZ, F. Teoria Social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: BANDURA; AZZI; POLYDORO. *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REINHOLD, H. *O sentido da vida, prevenção de estresse e burnout de professor*. Tese. (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

SANTOS, A. E.; HOFFMANN, M. H. Levantamento das licenças para tratamento de saúde dos policiais civis do Estado de Santa Catarina. In: *I Coletânea de trabalhos científicos produzidos pelos servidores públicos. Área: saúde do servidor*. Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado da Administração, 2007.

SILVA, E. P. E. *O stress no trabalho de guardas municipais: a dialética entre o desgaste sócio-institucional e o bio-psíquico*, 2005. 323f. Tese. (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SORATTO, L.; PINTO, R. M. Atitudes no trabalho e burnout. In: CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2003. p. 278-281.

A
R
T
I
G
O
S

Recebido em 7 mar. 2011 / Aprovado em 13 dez. 2011

Para referenciar este texto

FERREIRA, L. C. M.; AZZI, R. G. *Burnout do professor e crenças de autoeficácia*. *EccoS*, São Paulo, n. 26, p. 179-191, jul./dez. 2011.